

Cavernas, corujas, filósofos e a percepção sagrada do sentido das coisas

Ralf Rickli
rr@tropis.org

Trabalho publicado na Internet em 12.09.2006
Versão corrigida 3: 14.11.2009

ESCLARECIMENTO: este trabalho consiste de um conto escrito em 1990 (*O Rito do Espelho*) e de comentários feitos a ele com referência à famosa Alegoria da Caverna, do Livro VII de *A República*, de PLATÃO. Foi apresentado originalmente como um exercício para a disciplina Filosofia da Educação, no Curso de Pedagogia da USP, conduzida pela Prof.^a Dra. Carlota Boto, com o título *A minha caverna*. Entre outras coisas, o texto define algumas linhas de discordância e outras de concordância entre nossa visão e as dos pensadores Rubem Alves e Rudolf Steiner.

1. Conto “O RITO DO ESPELHO” 1

2. Relações com as idéias platônicas e outros comentários ao conto 5

2.1. *UMA CAVERNA ARISTOTÉLICA?* 5

2.2. *DECODIFICANDO CARACTERES: SITUAÇÃO GERAL* 6

2.3. *O CÍCLICO, O MÍTICO E O ANIMÍSTICO* 8

2.4. *DECODIFICANDO CARACTERES: PERSONAGENS* 10

2.5. *O SORRISO DE PLATÃO* 11

Bibliografia 13

1. Conto “O RITO DO ESPELHO” 1

I

Certa vez os ventos passaram por um lugar avisando que vinha aí uma era glacial, um período de tanto frio que, ao ar livre, o Sol não conseguiria manter os bichos vivos. Só sobreviveriam caso se instalassem por algumas gerações numa caverna, protegidos do tempo – mas também se inventassem algum jeito de, lá dentro mesmo, receber alguns raios de Sol.

Foram as corujas, por alguma razão mais precoces na arte de entender sinais, que captaram a mensagem. E entenderam, pois apesar de serem bichos noturnos (ou quem sabe por isso mesmo) sabiam que sem Sol não há vida.

Os bichos, naquele tempo, respeitavam o entendimento das corujas, e junto com elas desenvolveram um plano. No alto da caverna havia uma fresta, e lá instalariam um grande espelho (pois sempre sobra algum objeto inusitado do cenário de alguma história anterior). À noite o espelho tamparia a fresta, mas de manhã seria aberto de um jeito e num ângulo que refletis-

¹ Este conto, ou fábula, foi redigido em 1990 e publicado informalmente, em conjunto com “A Coruja e o Chomim”, na brochura *Dois histórias de corujas para adultos de qualquer idade* (RICKLI 1998).

se o Sol pra dentro da caverna. Não era o Sol mesmo, mas era o melhor que se podia ter. Os bichos nem precisavam pensar pra saber disso: sentiam no couro, tanto que espontaneamente passaram a se reunir na hora e local que o reflexo do Sol atingia. As corujas, responsáveis pela abertura do espelho, nunca precisaram pensar em convencê-los a comparecer.

Houve inicialmente um probleminha: a responsabilidade cabia às corujas porque entendiam de astronomia, do ângulo e hora da passagem do Sol, e sabiam posicionar o espelho do melhor modo. Sabiam, mas não conseguiam: o espelho era pesado, e elas só o atingiam voando, sem apoio pra poder empurrá-lo. Mas logo isso se resolveu com ajuda dos macacos, únicos bichos ágeis o bastante pra subirem até lá pelas paredes da caverna e, firmes por quaisquer das quatro mãos, moverem o espelho nem que fosse com os rabos. As corujas, voando em torno, orientavam a operação.

Foi assim que começou a insólita porém histórica associação das corujas com os macacos. Todos queriam bem e respeitavam as corujas, que lhes haviam garantido essa vida possível enquanto durasse a era glacial – e nessa aura de importância e dignidade entraram também os macacos. Se antes eram conhecidos como um bando não muito sério, de repente cada macaco envolvido passou a gozar de um outro status.

E isso tudo foi assim por muitas e muitas gerações.

II

Acontece que, como tudo que muito se repete, o ritual começou a cansar as corujas, que na verdade nem desfrutavam tanto da luz refletida como os bichos que a recebiam lá em baixo: junto à fresta, lá em cima, recebiam horríveis rajadas de vento frio. Depois, todo dia aquele mesmo trabalho – e não parecia haver perspectiva de um dia mudar. Diziam as tradições corujais que isso era uma condição passageira, que um dia a era glacial ia acabar. Mas quantas dezenas de gerações de corujas haviam morrido dizendo isso? Com certeza era bobagem. A vida não passava disto aqui, e os pobres bichos viveriam sempre assim, à luz precária de um mero reflexo. Não caberia a elas, corujas, cuja tradição era ver antes e melhor, achar soluções mais... reais?

Assim mais e mais corujas começaram, ao longo de suas atribuições como Guardiãs do Espelho, a estudar velhos alfarrábios e tradições sobre as forças ocultas dentro da matéria. Que o fogo existisse, sabiam, mas era até então um acidente, ninguém tinha dominado a arte de produzi-lo na hora e medida desejadas. Mas as corujas estudaram muito, experimentaram em câmaras escondidas da caverna, até que conseguiram, e apareceram diante dos bichos com essas luzes reais, e até mais quentes que o velho reflexo do Sol!

A princípio houve certa comoção entre as corujas que se mantinham dedicadas ao velho Rito do Espelho – mas logo se renderam à evidência de que lá estava uma coisa *real*. Elas mesmas começaram a dizer, por entre os bichos, cada vez mais: “aquilo lá era somente um reflexo – uma miragem. Fogo mesmo, é aqui dentro que existe.” E logo coruja que ainda desse bola pro espelho passou a ser bicho raro, extravagante.

III

Não que o Ritual do Espelho tenha sido abandonado: imaginem se os macacos iriam abrir mão dessa fonte de dignidade! Sabiam que não tinham os outros charmes e sabedorias das corujas, e seriam esquecidos em três tempos se voltassem ao estado leigo. No máximo poderiam voltar a cultivar antigas macaquices e conseguir alguma atenção, mas o mesmo status, jamais!

Continuaram portanto os macacos a manejar o espelho, todas as manhãs. O problema é que não entendiam nada de astronomia e ótica, e raramente conseguiam enviar até em baixo um raio significativo de Sol. O espelho dava lá suas cintiladas, e às vezes nem isso. Mas havia bichos que se mantinham fiéis às reuniões – força do hábito? -, e os macacos se saíram logo com uma explicação muito boa pra garantir a audiência: o calor e luz do fogo eram uma coisa;

o que eles transmitiam pelo espelho era outra, de uma natureza mais sutil, espiritual, que não podia ser percebida com os olhos ou a pele. Não sentiam os bichos um certo bem-estar, uma segurança ao estarem ali reunidos? Pois isso eram efeitos do espelho! (Nem queriam pensar no caso, bem provável aliás, de que isso fossem efeitos de meramente *estarem reunidos!*)

“O que se pode sentir é importante, mas não é o principal. O principal é o que não se pode sentir: é o que você recebe de nós no Rito do Espelho. Não, não procure comparar com as luzes e fogos que você vê por aí: esta é uma coisa infinitamente superior, que só se percebe por dentro de um modo extremamente sutil. Se você ainda não percebe, é falta de cultivar sua fé. Continue vindo fielmente, e um dia será tocado pela graça de perceber. Não esqueça: espírito e matéria não têm nada a ver um com o outro: são dois mundos à parte. Se um dia se falou de luz e calor no Rito do Espelho, você precisa entender, filho: são metáforas, linguagem figurada.”

IV

É claro que a audiência dos macacos era bastante reduzida, mas sempre restava alguma, e alguma honra para eles. A maior parte dos bichos vivia mesmo era reunida aqui e ali em torno das fogueiras das corujas. Tossiam como loucos, pois a fumaça não tinha saída. A caverna inteira, aliás, se tornava cada vez mais irrespirável, e alguns às vezes resmungavam, mas acabavam se calando com as cotoveladas dos vizinhos: “que é isso rapaz! Vai ser contra o progresso agora? Vai querer viver de... reflexos?”

Mas não eram só as fogueiras das corujas: a unidade em torno do espelho já se havia quebrado, e onde cabem duas verdades cabem três, ou quatro, ou cinqüenta. Surgiram grupos os mais exóticos: os que se reuniam em torno de bichos naturalmente fosforescentes – vagalumes, umas centopéias antes pouco conhecidas, etc. Vagavam pelos cantos da caverna tentando enxergar o que pudessem naquela manchinha precária de luz. Geralmente não eram grupos grandes, porém fiéis e respeitosos a seus insetos.

Havia os que haviam encontrado caixas de fósforos (certamente sobra de algum cenário antigo, como o espelho) e passavam a vender palitos, por grandes somas. A maior parte dos bichos não saberia fazer um fogo a partir disso – mas pagava de bom grado por ter nas próprias mãos, durante alguns segundos, aquele lindo brilho.

Havia até a corrente dos morcegos, que sempre se haviam orientado muito bem sem luz pelas cavernas, e diziam “bobagem isso de luz; nós nunca precisamos; escuridão é que é o canal.” Outros bichos, especialmente jovens, se interessavam pelo papo dos morcegos, e saíam por aí com eles. Se batiam e estropiavam todos, mas não se entregavam: voltavam dizendo que dor era o maior barato, e que andar assim machucado é que tinha a ver.

V

Por esses tempos alguns passarinhos que às vezes se aventuravam até a altura da fresta começaram a perceber que o frio não parecia mais tão violento – parecia possível arriscar momentos cada vez mais longos na beirada do mundo exterior sem ser congelado. E alguns até... viram o Sol!

Naturalmente que vieram contar, e os mais afoitos já começaram a fazer planos pra quando pudessem deixar a caverna, cumprindo as antigas profecias.

– Mas que bobagem! – disseram as corujas. – Que mundo lá fora, que nada. Se existe, é vazio e gelado, pois toda luz e calor só podem proceder da matéria aqui da caverna, como temos demonstrado.

– Mas nós vimos lá fora uma grande luz! Só pode ser o que chamavam Sol. Vejam, com isso até o Ritual do Espelho, dos macacos, parece ganhar outro sentido: deve ter servido um dia para refletir aqui pra nós a luz do Sol!

– Bobagem! – disseram os macacos. – O que nosso ritual fornece só é luz num sentido figurado, é uma coisa... puramente espiritual. As corujas estão certas: luz e calor para a sobrevivência do corpo só podem proceder da matéria, segundo os modos que as colegas corujas tão bem administram

– Perfeitamente! – disseram as corujas, satisfeitas. Sua posição, quando haviam começado a abandonar o rito antigo, era a de que o fogo era melhor porque o espelho trazia apenas um reflexo – mas agora já há tempo endossavam a tese dos macacos, de que o espelho nunca tinha refletido luz real, que trazia uma inspiração de outra natureza. Não que realmente acreditassem na existência dessa outra natureza, mas as corujas que negavam em público qualquer significação às antigas tradições tornavam-se bastante impopulares. Aceitar essa divisão da realidade em duas esferas acabava sendo bem conveniente: os macacos ficavam lá entretidos com suas bobagens, e ajudavam a manter o controle social. Não custava, conceder-lhes certa honra.

Também os fiéis dos macacos ficaram um tanto perturbados com as afirmações dos passarinhos, de que um dia poderiam dispensar o espelho. Em público os macacos ainda fingiam acreditar no tal fim da era glacial, e numa vida lá fora depois disso. Seus fiéis, por sua vez, tinham um único ato concreto que os distinguiu dos profanos e incrédulos: o Rito do Espelho. Como nem podiam supor o que fosse viver sob um Sol real, imaginavam a vida futura como uma seqüência interminável de gloriosos Ritos do Espelho. Falar em dispensar o espelho era portanto um tapa em suas devoções. Assim os macacos acharam melhor chamar os passarinhos para uma... inquirição – reservada, pois a esse tempo, muito dignos, detestavam escândalos.

– Como é que vocês, passarinhos leigos – disseram os macacos, e algumas corujas convidadas – se atrevem a dar opiniões sobre o Sol? Os especialistas em Ciência do Sol somos nós! E o que a Ciência do Sol mais moderna tem a dizer sobre o Sol é o seguinte: não existe Sol nenhum. “O Sol está morto!”, disse poeticamente o sábio, referindo-se é claro à morte da ilusão coletiva de que existisse um Sol. Ele sabia muito bem que nunca existiu Sol real, que toda luz vem da própria matéria cavernal. O mito de um fogo no céu, iluminando e aquecendo tudo, era apenas um modo de os antigos expressarem seu inconformismo com o fato de a realidade ser irremediavelmente escura e fria; a idéia, evidentemente absurda, de que uma vida melhor pudesse provir do céu merece apenas atenção psicológica, como sonho que é, projeção de desejos.

– Já está na hora de acordarem, passarinhos! – concluíram os macacos. Se querem um mundo melhor, vão ajudar as corujas nas suas pesquisas sobre como obter fogo mais rápido e mais quente. Venham ao rito do espelho toda semana, receber e agradecer a inspiração – mas deixem as superstições de lado: Sol nunca houve, nem há de haver!

Os passarinhos se entreolharam, e foram saindo, sabendo que não adiantava discutir. Comentou-se que na saída um deles teria piscado pra outro, dizendo algo como: “E no entanto ele brilha...” Mas, como dizem as corujas, isso não deve passar de lenda.

2. Relações com as idéias platônicas e outros comentários ao conto

2.1. UMA CAVERNA ARISTOTÉLICA?

Este conto não foi imaginado como uma exposição das idéias de Platão, e sim de um posicionamento filosófico pessoal na época da sua redação (1990), o qual nos parece ao mesmo tempo tributário e “traidor” de Platão, sendo difícil avaliar (quem sabe como no pensamento de Aristóteles) qual dessas duas atitudes é mais determinante.

É importante deixar claro que a palavra “pessoal” se refere mais a *escolhas* feitas dentro do patrimônio de idéias da humanidade que à pretensão de termos inventado alguma delas. Ainda assim, não cremos que tal palavra seja excessiva, visto que tal escolha não foi aleatória, e sim uma incorporação das concepções que melhor nos ajudavam a compreender e elaborar e experiências pessoais no campo da percepção; em acréscimo, poucas vezes, se alguma, foram conservadas em nós em sua forma original literal, não apenas por reagirem entre si e por serem inconscientemente lidas a partir de outro momento histórico e de outra experiência pessoal, mas também por termos sempre escolhido entregar o voto de Minerva, a autoridade última, à observação e à experiência pessoais, mais que à autoridade de qualquer autor, “por privilegiado que seja”.²

Dentro disso, podemos dizer que o texto expressa ao mesmo tempo um endosso e uma crítica a um pensador com que nos víamos fortemente envolvidos por razões de trabalho, o austríaco Rudolf STEINER (1861-1925): um endosso à postura filosófica (ou ao que julgávamos compreender dela) que adotou na primeira metade da sua carreira (até aproximadamente 1900), e uma crítica a um nunca admitido porém na prática inegável abandono progressivo dessa postura após ter assumido um tipo re-mitificante de discurso (com o movimento teosófico e mais tarde a fundação do antroposófico).

Naturalmente não cabe aqui uma análise detalhada da obra de Steiner, mas é indispensável apontar os seguintes elementos:

- (1) embora não tenhamos referência bibliográfica disso, é corriqueiramente mencionado pelos seguidores de Steiner que ele declarava pretender re-unir com seu trabalho “a corrente aristotélica e a platônica, historicamente separadas”;
- (2) sua obra posterior a 1900 é em *enorme* medida uma reciclagem de idéias de Aristóteles; basta como exemplo mencionar que sua Doutrina dos Temperamentos é a espinha dorsal da psicologia escolar efetivamente utilizada no cotidiano das escolas Waldorf, sistema proposto por Steiner em 1919;
- (3) mesmo sua concepção filosófica inicial, embora declare referir-se sobretudo a GOETHE e seja vazada em uma linguagem caracteristicamente oitocentista alemã, em última análise difere muito pouco da concepção metafísica de Aristóteles como explanada por MORENTE ou por CORBISIER – porém ao mesmo tempo o orientador de Steiner em sua tese de doutorado na Universidade de Rostock (*Verdade e Ciência*) foi Heinrich von Stein, autor de “*Sete livros para a História do Platonismo*”;³
- (4) de um modo algo surpreendente, o próprio Steiner declara (p.ex. em *A Filosofia da Liberdade*) que sua concepção é um *monismo* – porém **um monismo que não se admite nem idealista nem materialista porque simplesmente nega a realidade de tal distinção**, considerando-a apenas uma projeção, que costumamos aplicar à realidade, de um limite entre nossos diferentes tipos de sentidos – entendido aí o pensar como

² Evidentemente parodiamos aqui a linguagem jurídica. A postura talvez seja análoga, embora não idêntica, à expressa por Paulo LEMINSKI em “*como se eu fosse júlio plaza*”: *prazer / da pura percepção / os sentidos / sejam a crítica / da razão*

³ *Sieben Bücher zur Geschichte der Platonismus*. De acordo com GASSMANN, cuja obra é, aliás, um violento ataque a Steiner a partir de um fundamentalismo protestante.

(ao lado de suas capacidades de elaboração e criação) *um sentido de percepção da dimensão ideal da realidade una* (no que *também* – parece-nos – se percebe um sabor aristotélico);

- (5) com isso, vai-se de vez o pressuposto platônico de que o mundo das idéias seja absoluto, imutável, perene. Como parte constituinte da mesma realidade do devir, também as idéias são relativas e estão sujeitas ao devir: transformação ou – no ver de Steiner – *evolução*. Se algumas idéias podem nos parecer imutáveis será devido à forte diferenciação na escala de tempo das transformações (do mesmo modo como é diferenciada a velocidade de decomposição dos ossos e das partes moles de um corpo animal).⁴

Ora, o que acabamos de caracterizar no ponto 4 é precisamente a concepção implícita na formulação da imagem *da nossa caverna* – como tentaremos mostrar a seguir –, muito embora quando escrevemos o conto não tenhamos pensado em expor concepções de Steiner, nem de Aristóteles nem de Platão, e sim apenas em “exorcizar” o mal-estar que nos havia causado o posicionamento nominalista (nos termos da controvérsia medieval) que julgamos ter percebido implícito nas *Histórias de Bichos* (donde escolhermos a forma de fábula) e em outros escritos do ex-teólogo Rubem ALVES (1990) – ou seja: uma concordância com a idéia hoje predominante (para não dizer *acatamento* da mesma) de que todo *sentido* seja produzido e atribuído à realidade pelo ser humano, ou ainda que (nos termos de Teilhard de CHARDIN) *toda* a noosfera seja produto da atividade humana, nada dela o preceda ou seja independente dele.

Nesse sentido, é curioso observar, ainda, que chegamos à imagem de uma caverna simplesmente *pelas características do que queríamos expor*, e só mais tarde nos lembramos de que se trata de uma das imagens mais famosas de Platão – o que provavelmente deve ter-nos inspirado na forma de uma “recordação inconsciente”, por paradoxal que essa expressão possa parecer.

2.2. DECODIFICANDO CARACTERES: SITUAÇÃO GERAL

Não são sem significação algumas diferenças entre a nossa imagem e a de Platão.

Antes de mais nada, este não gasta nenhuma palavra sobre como e por quê seus personagens teriam ido parar dentro de uma caverna, nem quem os teria aprisionado lá daquela forma; nossa imagem, por sua vez, remete essas questões a (a) uma concepção cíclica (b) de processos que seriam objeto de estudo de uma História Natural (c) da qual não deixa de ser parte, querendo ou não, muito do que possa ser chamado de Antropologia e de História. Mas voltaremos a isso um pouco adiante.

Talvez mais importante, em nossa caverna os bichos não vêem sombras de uma outra realidade: pela presença de diversos tipos e intensidades de luz, ou por sua ausência, os bichos vêem às coisas *e a si mesmos* com maior ou menor clareza e detalhe – ou não vêem de vez –, porém a realidade permanece uma só.

É verdade que há outras coisas fora da caverna – e portanto fora do alcance da visão –, inclusive a maior e melhor das fontes de luz. Porém as coisas vistas dentro da caverna não são de nenhum modo meras sombras. Há uma *continuidade de substância(s)* entre o mundo de

⁴ Talvez não seja exagero caracterizar Steiner como um Aristóteles que incorporou a idéia de evolução, absolutamente determinante em todo seu pensamento. Embora bem mais novo, Steiner chegou a corresponder-se com Haeckel, um dos pais do evolucionismo. A aplicação da idéia de evolução em *todos* os campos termina resultando com freqüência numa espécie de “positivismo espiritualista”, para o que colabora também a pretensão totalizante do sistema steineriano. São talvez essas duas características que dão ao seu discurso, malgrado um pioneirismo ainda insuperado em diversos pontos, seu inegável tom oitocentista – talvez a última das “grandes narrativas” a ter vindo à luz. – Já em AUGER (1990) encontramos outra imagem, darwinista, de uma evolução das idéias – *igualmente entendidas como seres!* – que não por bastante questionável deixa de ser interessantíssima e digna de atenção.

dentro e o de fora – sem desconsiderar que uma dessas substâncias seja de natureza muito especial porque permite o reconhecimento das outras: a luz.

Não é sem sentido, ainda, que a luz se encontre de modo espontâneo e natural do lado de fora da caverna, e que tê-la dentro da caverna exija esforço – seja para trazer reflexos da fonte externa, seja para produzi-la endogenamente. Isso não significa porém (insistimos) que haja mais de uma realidade, mas apenas que a realidade não seja homogênea, seja internamente diferenciada, e que partes suas sejam mais permeáveis à luz, partes menos.

Estar dentro da caverna é sobretudo estar em uma situação que limita o alcance dos nossos sentidos – isto é: funções de percepção –, afirmação que sem dúvida levaria à questão de se essa limitação é circunstancial ou intrínseca na natureza desses mesmos sentidos – porém para nossos fins não nos parece necessária essa discussão.

Não temos recordação de se à época da redação desse conto (16 anos atrás) tínhamos consciência de um traço que hoje nos parece interessante: na maior parte do texto mencionase a necessidade do sol (luz e calor) *para a vida*; é somente na seção IV que a ênfase parece se deslocar para a percepção – e (no caso dos imitadores dos morcegos) para conseqüências nefastas até no plano biológico (andar ferido) da deficiência de percepção.

Isto sugere, mais uma vez, uma unicidade ou no mínimo maior solidariedade entre a vida física e o plano das idéias, o que difere pelo menos em parte da concepção da luz e do sol como simples *metáforas* ou *alegorias* do conhecimento, como vemos no comentário de CHAUI ao mito platônico, ou nos de Bernard Pietre na edição utilizada de *A República*. Como MORENTE, tendemos a considerar a postura do próprio Platão como *mais realista* em relação às idéias. Não que pretendamos atribuir a Platão uma identidade com o que estamos expondo aqui, mas tampouco o vemos tão distante de nós como se depreende desses comentadores – que, no nosso ver, foram demais no sentido de torná-lo conforme o modo de pensar acadêmico atual.

Por outro lado, não podemos deixar de lembrar aqui a instigante concepção proposta por MATURANA e VARELLA, de que a própria vida no sentido biológico deva ser entendida como um processo de cognição. Mas, infelizmente, devemos dizer que também essa posição nos parece forçada – redutora do que seja “cognição”. Se houver de fato unidade e/ou solidariedade entre o físico e o ideal, cremos que ela terá de ser mais sutil.

E se colocamos esta última frase num tempo verbal tão cauteloso, é porque temos tido com freqüência a impressão de percebermos Platão, Aristóteles e Descartes, juntos, rindo de todos nós, tendo em mãos os resultados da mais moderna física experimental e o conceito de “informação” – ao que teremos que voltar adiante.

O fundamental, porém, na interpretação geral da nossa caverna, é que com ela se assume francamente a existência real – e parcialmente independente do ser humano – de uma dimensão de *sentido* em todo o existente, de modo que parte das idéias não seriam produzidas por seres humanos e sim apenas “lidas” ou percebidas na realidade – *implicando que uma inteligência de qualidade comparável à humana esteja presente nos processos naturais*.

MORENTE mostra que uma concepção desse tipo está não apenas presente, mas é parte necessária no sistema de *Aristóteles*. O viés dominante no pensamento atual (corujas e as parcelas intelectualmente mais refinadas dos macacos) tende porém a nos mostrar esse como um detalhe “datado” e expurgável, sem o qual a sistemática de Aristóteles se torna ainda mais digna de admiração... Praticamente se ignora a existência de uma pequena contra-corrente de cientistas de primeira linha que, tendo em mãos o conceito de *informação*, se empenham em

mostrar tanto evidências empíricas quanto a necessidade lógica de que o campo “sentido-inteligência” não seja uma exclusividade humana.⁵

2.3. O CÍCLICO, O MÍTICO E O ANIMÍSTICO

Uma não-linearidade do desenvolvimento técnico (o que é obviamente um aspecto da dimensão antropológica e histórica) é sugerida no conto pela observação jocosa do narrador sobre o espelho: “sempre sobra algum objeto inusitado do cenário de uma história anterior”. A arqueologia dá testemunho suficiente de que não se trata de mera fantasia arbitrária. Se há casos em que guerras e conquistas explicam as perdas culturais (p.ex. Vale do Índus, México asteca) há outros que permanecem misteriosos (o caso maia, os reinos africanos de Kush e de Aksum, e talvez sobretudo o caminho do Egito do 4.º e 3.º para o 2.º milênios a.C).⁶

O início do século XXI está trazendo porém uma consciência, provavelmente mais aguda que em qualquer outro momento dos tempos históricos, da fragilidade das culturas humanas frente aos processos naturais, tanto os caóticos quanto os cíclicos – inclusive porque mesmo aqueles que já reconhecemos como cíclicos podem ser de tal escala que uma pequena variação caótica nos ciclos é tempo suficiente para o desenvolvimento de tudo aquilo que conhecemos como “civilização”: falamos aqui das grandes glaciações. Outras variações de menor escala também já foram observadas, como a chamada “pequena era do gelo” que tomou alguns séculos do 2.º milênio d.C., que acaba de se encerrar.

Na medida em que se refere a processos de consciência e conhecimento, a “era glacial” do nosso conto poderia ser entendida como puramente metafórica, porém há um pouco mais aí: há o reconhecimento de que forças de escala sobre-humana influem nos nossos destinos e nas características das nossas culturas.

Forças “cegas”? Puramente mecânicas, causais?

O primeiro período do conto é “certa vez *os ventos passaram ... avisando* que vinha aí uma era glacial”: ventos como sujeito de um ato de informação intencional, para o que logo a seguir se usa também a palavra “mensagem”. Isso poderia ser entendido como mero antropomorfismo literário – afinal, estamos num contexto de fábula – porém neste caso (como autor da fábula) estamos em condições de afirmar que pretende ser mais. Afinal, concluímos tanto 2.2 quanto 2.3 falando do reconhecimento de inteligência própria nos processos naturais – e o que esta fábula faz é mais que tudo reivindicar respeito a uma tal concepção como válida no presente e não necessariamente em contradição com uma concepção científica. Foi aliás precisamente esse elemento que nos fez recorrer, no início de 2.2, à hoje desusada porém no nosso ver excelente expressão “História Natural”.

Aqui é importante distinguir entre o que estamos dizendo e um discurso *mítico* – sobretudo porque já expressamos crítica ao caráter de *re-mitificação* que encontramos em parte da obra de Rudolf Steiner. A *narrativa* de nossa fábula é obviamente simbólica, e portanto da natureza do mito (ou pelo menos próxima a ela); já a concepção de fundo de que estamos falando *não* se pretende uma representação simbólica de realidades materiais aleatórias, e sim uma descrição objetiva de processos, que apenas difere da hoje usual por não desconsiderar sua dimensão *de sentido* (ou, se não objetiva, pelo menos *tão como se* objetiva quanto poderia ser a descrição de um sapato – para não entrarmos agora no em si válido questionamento da idéia de “objetividade”).

Não é descabido aqui o adjetivo “animista”, e, embora menos adequado, até mesmo “mágico” não está totalmente fora do foco: trata-se afinal de um cognato indoeuropeu de “make” e “máquina” que se refere especificamente à interação com e mesmo manipulação de tais for-

⁵ Pensamos especialmente aqui no físico e astrônomo inglês Fred HOYLE e seu *O universo inteligente*.

⁶ Uma bibliografia considerável sobre isso se encontra referida no nosso livro de História da África (com fio condutor ficcional) *O dia em que Túlio descobriu a África* (RICKLI 1997).

ças naturais. O mítico começaria não no reconhecimento de inteligência nessas forças, e sim no ato de “vesti-las” ou representá-las com imagens provenientes do mundo sensorial (antropomórficas ou não), e na narração de seus atos como se fossem acontecimentos do mundo sensorial, ou de outro mundo imaginado à sua semelhança. (Exemplo disso são as representações de deuses celestes com pernas – membros que só fazem sentido para um ser que se desloca em contato com a superfície terrestre).⁷

Sentimos necessidade destes esclarecimentos porque o enredo principal de nosso conto é tributário de uma das idéias centrais em toda a obra de Rudolf Steiner – porém uma que *não* está contida em sua obra filosófica, e no nosso ver “dança” para lá e para cá da divisa entre uma antropologia idealista-realista (ou talvez “noológica”, para não dizer de uma vez “espiritual”) e o discurso mítico ou neo-mítico.

Steiner declara que (traduzido em nossas palavras) uma efetiva percepção do plano ideal, efetiva porém de natureza imaginativa (isto é: simbolizante) era generalizada em tempos passados da humanidade; precisou perder-se *por razões evolutivas*; porém pode e deve ser substituída por uma nova capacidade de percepção desse plano, desta vez mais direta ou menos mitificante, a ser conquistada voluntariamente.⁸

A idéia nos parece suficientemente instigante para ser investigada sem preconceitos negativos nem positivos – que é o que tentamos fazer ao longo de 27 anos de conhecimento da obra de Steiner. E na posição em que nos encontramos hoje (2006) anotaríamos as seguintes ressalvas:

- (1) a atribuição *desse* processo – de perda e reconstrução de um tipo de capacidade cognitiva – a ciclos cósmicos gerais para toda a humanidade termina assumindo a forma que já dissemos, de um “positivismo espiritualista”, onde certos tipo de cultura estariam “atrasadas” em relação a um padrão cosmicamente determinado para a humanidade; não é aqui o lugar para discutir essa questão, porém queremos pelo menos registrar nossa total discordância, *a priori* e *a posteriori*, com uma tal visão;
- (2) Steiner alega ter construído a maior parte da sua obra como resultado de uma atividade *científica* realizada com uso dessa capacidade re-construída, a qual, segundo ele mesmo, deveria fornecer uma percepção mais essencial e menos mitificada dos planos ideais – e no entanto grande parte do discurso resultante tem um caráter fortemente neo-mítico, insustentável como descrição objetiva de, p.ex., momentos históricos.

Apesar dessas fortes ressalvas, preservamos e pomos fé ainda hoje em uma versão talvez um pouco mais antropológica e menos cósmica desse transformação da consciência humana: a referida percepção imaginativa (e insistimos na palavra *percepção*, diferente de *fantasia*) deve ter sido de fato presente, como em certa medida ainda é, nos indivíduos de grupos hu-

⁷ Tem-se um exemplo interessante de leitura animista não-mítica da realidade no discurso do Don Juan das obras de Carlos CASTAÑEDA, não fazendo diferença aqui se Don Juan ou se o próprio Castañeda como descrito nos livros forem personagens de ficção (como se tem discutido). Que esse tipo de concepção seja de todo modo compatível com o universo cultural nativo-americano parece ser confirmado por depoimentos e textos como os coligidos por T.C. MCLUHAN.

⁸ A idéia da reconquista de uma percepção superior aparece vezes incontáveis na obra de Steiner, e apresentada nas mais diversas formas. Entre outras, aparece relacionada ao ciclo das quatro “iugas” da cosmologia hindu, ou as eras “de ouro”, “de prata”, “de bronze” e “de ferro” – esta última, também chamada de “cáli iuga”, uma era de escuridão e ignorância. Para as escolas hindus de onde essa idéia procede, estamos numa cáli-iuga, e nela devemos permanecer por ainda quase 400 mil anos (ver artigo *Hinduism* na *Encyclopaedia Britannica*, ed. 1968). Rudolf Steiner usa os mesmos nomes porém atribui outra duração aos ciclos (sem jamais justificar ou ao menos mencionar a divergência); simplesmente afirma que a possibilidade de reconquistarmos uma percepção superior está ligada ao fato de uma cáli-iuga haver terminado precisamente em 1899. De nossa parte, esperamos que o texto deixe claro que *não* cremos nesse tipo de ciclicidade regular, e que não é esse o viés que nos interessa quer no pensamento hindu, quer no de Rudolf Steiner.

manos que vivem de modo tradicional;⁹ a ruptura desse tipo de percepção se dá com a passagem para um modo moderno de vida (*desencantado* ou *desmágicizado*, de acordo com a excelente expressão *Entzauberung*, de Max Weber); a recuperação voluntária, e com um novo tipo de objetividade, é de fato possível e desejável (como veremos ao falar dos passarinhos em 2.4), embora não necessariamente leve a resultados das dimensões sugeridas por Steiner.

Faz 16 anos que escrevemos o conto. Pelo que acabamos de dizer, talvez hoje não tivéssemos escolhido a imagem de uma era glacial – um ato de forças sobre-humanas e de caráter cíclico – como motivo da reclusão na caverna. Porém não fazemos ressalva nenhuma à imagem fundamental, que pouco difere da de Platão, de havermos imergido numa caverna mas termos perspectiva real de sairmos voluntariamente para uma visão mais ampla e luminosa.

2.4. DECODIFICANDO CARACTERES: PERSONAGENS

O conto é inteiro escrito “à clef”, ou seja: seus caracteres representam de modo direto, talvez até simplório, caracteres do mundo real – no caso não indivíduos, mas sim profissões e outras funções sociais.

Como é de prever, as corujas se referem aos detentores dos saberes maiores de uma sociedade. O conto sugere que, em algum momento no passado, era isso o que caracterizava a função *sacerdotal*: não (ou não apenas) funções de simbolização ritual, porém também *saberes práticos vitais* – como no conhecido exemplo da relação dos ciclos astronômicos anuais com os períodos de semeadura.

Pelo conto, antigos procedimentos que um dia tiveram função vital concreta teriam se tornado procedimentos rituais *apenas* simbólicos à medida que os homens de saber passaram a se dedicar a novos campos de pesquisa, porém as formas externas dos rituais continuaram sendo repetidas por especialistas em repetição sem muita compreensão: os macacos – ou os sacerdotes atuais. À medida que a história avança, o discurso dos macacos ecoa o desenvolvimento do discurso teológico até as Teologias da Morte de Deus, enquanto as falas e atitudes das corujas buscam ecoar as do mundo científico ou acadêmico.¹⁰

Na sessão IV, depois de uma referência à poluição atmosférica gerada pelo progresso técnico conduzido pelas corujas, há rápida menção a alguns outros personagens e artefatos: (1) bichos naturalmente fosforescentes – pessoas dotadas de algum tipo e medida de acesso intuitivo-imaginativo ao plano ideal: videntes e similares – que reuniam em torno de si pequenos grupos “respeitosamente fiéis a seus insetos”; (2) fósforos, produtores de brilhos passageiros – e com isso *de percepções diferenciadas da realidade* passageiras e baseadas em recursos exógenos: substâncias modificadoras da consciência, ou drogas, muitas vezes consideradas seriamente como caminho de expansão ou desenvolvimento da consciência (como em Aldous HUXLEY, Timothy LEARY etc.); (3) morcegos, seres que por uma razão ou outra (“como por natureza”) têm a capacidade de se orientar e viver razoavelmente num mundo sem luz – e imitadores de seus comportamentos “que vivem estropiados por isso”, como p.ex. jovens de classe média e alta que se põem a imitar em movimentos como o *punk* a vida dos detentores de uma cultura da marginalidade já tradicional.

Os passarinhos, finalmente... quem seriam os passarinhos? Talvez pudéssemos definir como “buscadores inquietos e independentes” no mundo do espírito – ou do conhecimento –, geralmente marginalizados, quando não francamente hostilizados, tanto pelo *stablishment* religioso quanto pelo acadêmico – quem sabe em todas as épocas. Tanto que um dos passarinhos talvez se chamasse Galileu: frente à afirmação de que o Sol não existe, termina dizendo: “... e no entanto ele brilha” – ao que muitas corujas dirão (como há estudiosos que digam à respeito do “*eppur si muove*” de Galileu) que não passa de lenda.

⁹ Ver p.ex. os impressionantes relatos de Lyall WATSON de suas observações em ilhas da Indonésia.

¹⁰ Sobre Teologias da Morte de Deus, ver Rubem Alves, *Deus morreu – viva Deus!* Em ALVES et al. (1972).

Há porém uma inversão fundamental no fim da história, em relação ao episódio de Galileu: se este foi um quase-mártir do direito de conhecer o mundo sensorial com objetividade, nossos passarinhos são quase-mártires do *direito ao reconhecimento da objetividade do mundo ideal*.

O biólogo Thomas H. Huxley observou, em 1880: “a história nos adverte que é o destino usual de novas verdades começarem como heresias e terminarem como superstições” – ou como dogmas, diríamos nós.¹¹ A ciência que no momento de Galileu era perseguida, e em seguida libertadora, enrijeceu-se na forma de cientificismo dogmático: uma religião da modernidade, e não sem suas formas de inquisição.

Nesse ponto, a saída da caverna a que os passarinhos aspiram não significa meramente (como sugere CHAUI sobre a alegoria de Platão), passar do senso comum para o conhecimento filosófico ou científico – ou muito menos de um estado de não-escolarização para um estado de instrução do tipo dominante hoje, integralmente mediado por “mapas” (num sentido que inclui textos) que terminam por se refletir de volta no plano ideal formando aí imagens que *não* correspondem a nenhuma realidade senão à dos próprios mapas (do que são exemplo os “rios” que, no imaginário da maioria das pessoas escolarizadas, “correm para cima” – já que os mapas são colocados no plano vertical das paredes, e sempre com o norte para cima).

Nesse sentido, a aspiração dos passarinhos pode significar a aspiração por uma aprendizagem íntegra e integradora – onde os atos e coisas da vida real e a reflexão sobre eles consigam viver lado a lado de modo efetivo, e onde, além disso, não seja tabu conversar livremente sobre os possíveis *sentidos* das coisas sem pré-demarcar o território (como fazem por exemplo tanto o darwinismo quanto o marxismo ao afirmar que as coisas só têm sentido no sentido da sobrevivência).

Mas sobretudo, considerando a imensa diferença entre a experiência dos reflexos, fogueiras, fósforos e insetos e, de outro lado, a experiência direta do poder do Sol: os passarinhos são aspiração e reivindicação do direito ao espanto e à reverência no ato de conhecer, ou o direito não só do ignorante mas também do sabedor ao sentimento do Sagrado e à aposta na hipótese do Divino.¹²

2.5. O SORRISO DE PLATÃO

Mesmo depois de tantos séculos e através dos substitutivos propostos por Aristóteles e por tantos outros, ainda vemos em atuação a concepção platônica fundamental de um plano das idéias real. É incrível, portanto, a força dessa concepção.

Pessoalmente, estamos convencidos de que essa a força é tão grande por *não* se tratar de uma mera construção intelectual, e sim de descrição de uma *experiência empírica* – à qual cremos que todo ser humano (ou quase todo) pode chegar desde que se disponha a caminhar na direção certa.

Com isso queremos dizer: a presença de métodos que propiciam uma tal experiência é um traço universal das culturas humanas; métodos seguros e eficazes estão consolidados há milênios, e não deixaram de atuar. Mas naturalmente não pode chegar à experiência quem já começar com *parti-pris* e escolher caminhar na direção contrária à indicada pelos métodos.

Não faz falta, para o que estamos dizendo, que sejam verdadeiras as afirmações (exclusivas de biógrafos tardios, segundo o artigo *Plato* da *Encyclopaedia Britannica*, edição de

¹¹ *The Coming of Age of The Origin of Species* (1880), em *Collected Essays*, vol. 2, disponível em <http://en.wikiquote.org/wiki/Thomas_Henry_Huxley>, consulta em 26.09.2006. Na versão inicial deste trabalho atribuímos a frase, erroneamente, a Bertrand Russell.

¹² *Aposta existencial* que sabiamente *convive* com a dúvida cognitiva lá onde o conhecimento é efetivamente impossível – esse seria o sentido de “fê” no entender de Paul Ricoeur, conforme mencionado por Rubem ALVES (1979) em um texto que não nos causa o mesmo mal-estar que seus trabalhos mais recentes...

1968) de que Platão teria estudado em templos egípcios, ou sido iniciado nos mistérios de Elêusis e de Ísis (como declara, sem apresentar referências disso, um autor típico do século XIX como Edouard SCHURÉ). Não que isso fosse impossível – haja visto o papel atribuído ao oráculo de Delfos no discurso socrático segundo o mesmo Platão. Delfos era um centro de cultos de mistério, e é sabido que tais centros trabalhavam com uma ou outra forma de indução dos hoje chamados Estados Alterados de Consciência – ver p.ex. ELIADE (1978) e FICHTE, H. (1987).

Nada disso porém faz falta, se não tiver existido: o exercício de *observar* (diferente de “especular sobre”!) *o seu próprio pensamento de modo continuado e intensivo* é suficiente para levar ao tipo de experiência de que estamos falando: o método da introspecção e/ou a experiência da meditação (não discutiremos agora se há ou não diferenças): quem vivenciou experiências desse tipo tem diante do “estranho” discurso de Platão uma impressão não de estranheza e sim de *reconhecimento*.

Como neste ponto não costumam faltar ARISTÓFANES de plantão para fazer acusações de nefelibatismo – é importante frisar que (embora *também* se encontre presente nas mais diversas tradições místicas ou religiosas) não falamos de um processo em si “místico” nem “religioso”. Que bastem os seguinte exemplos:

- Fritjof CAPRA escreveu recentemente sobre o pioneirismo de William James no uso da introspecção como método de pesquisa psicológica, seu desprezo pelas gerações seguintes, e sua recente reabilitação pelas Neurociências e Ciências Cognitivas desenvolvidas de 1990 para cá.
- Nos livros *Mind and Matter* (cap.V) e *Steps to an Ecology of Mind*, o antropólogo e epistemólogo Gregory BATESON fala de um “segundo tipo lógico de aprendizagem”, capaz de fornecer uma nova ordem de informação, mediante a focalização da compreensão *nas relações*.
- No Brasil, em 2005 o médico Roberto CARDOSO publicou uma excelente sistematização sobre o assunto “meditação” despindo-a completamente dos usuais paramentos místicos ou religiosos.
- Ao mesmo tempo era publicado o denso volume *Artistas do invisível*, do sul-africano Allan KAPLAN, consultor de desenvolvimento organizacional de amplo trânsito internacional, que consiste fundamentalmente de reflexões e exercícios para a conscientização da realidade do plano ideal e do recurso a ele como método profissional.¹³
- Nesse seu trabalho, Kaplan recorre amplamente a JUNG e a... GOETHE, o grande inspirador da fase filosófica da obra de Rudolf STEINER, e provavelmente o primeiro nos tempos modernos a explorar sistematicamente o plano das idéias como lugar real de pesquisa científica objetiva: sua idéia da *Urpflanze*, ou Planta Primordial, não deve ser entendida como uma abstração e sim como uma *percepção objetiva real*. Por outro lado, podemos ver nos textos autobiográficos de JUNG que este também vivenciava os arquétipos como *percepções diretas*, e não como construções mentais abstratas.

Com todas essas indicações no sentido de uma laicidade e de uma não-incompatibilidade da experiência meditativo-introspectiva com os ritos do saber acadêmico, é preciso dizer que ela representa, sim, a conquista de uma dimensão que é freqüentemente vivenciada como “sagrada”, e que corresponde portanto ao que dissemos, pouco acima, da aspiração dos passarinhos no nosso conto.

¹³ Em março de 2006 tivemos a oportunidade de atuar como intérprete de Allan Kaplan em um seminário de dois dias, e de testemunhar aí a extrema densidade e seriedade do seu trabalho.

Por outro lado, estamos convencidos de que, ao falar de um governo de filósofos, Platão *não* se referia a pessoas que houvessem meramente desenvolvido grandes capacidades de raciocínio analítico-abstrato, ou acumulado grande quantidade de informação – as dimensões que os exames acadêmicos de hoje, até nos graus mais elevados, são capazes de auferir –, e sim a pessoas que tivessem aprendido a dominar tal experiência de contemplação – experiência capaz de integrar e de dar vida a uma grande quantidade de informações que de outro modo permanecem um acúmulo morto ou pouco eficiente, e até mesmo de suprir deficiências de informação, quando necessário, com saltos de intuição decorrentes da percepção das grandes linhas ou grandes formações estruturais da realidade.

Pelo próprio texto do Livro VII de *A República*, parece-nos fora de dúvida que fossem as pessoas portadoras *dessa* experiência que Platão esperava que viessem assumir os encargos da liderança da Pólis.

Ou, nos termos da nossa caverna: ***todo poder aos passarinhos!***

Mas há pelo menos mais uma razão para que Platão nos olhe com um sorriso maroto, embora sem maldade, que não seria do seu feitio – ele e seus convidados Aristóteles (que apontou a *forma* como expressão da idéia) e Descartes (que falou da irreducibilidade de uma certa *res cogitans* a uma certa *res extensa* e vice-versa): à parte nosso conto, à parte as intenções ou pretensões do Sr. Steiner, à parte tudo o que se tem dito por aí em contrário sem enxergar o óbvio... essa trinca parece estar ganhando o jogo quando se chega ao nível das realidades últimas (ou primeiras!) pelo caminho da física experimental: para esta, hoje, absolutamente *tudo* o que conhecemos pode ser reduzido a *duas* realidades fundamentais: energia e *in-forma-ção* – que, até onde podemos enxergar, permanecem irreducíveis entre si.¹⁴



P.S.

JULHO DE 2007: A tradução, em 2007, do livro Rudolf Steiner *Die Mystik im Aufgang des neuzeitlichen Geisteslebens*¹⁵ finalmente esclareceu de vez a diferença entre nossas posições quanto a este tema. Estamos convencidos de que a sua interpretação do mesmo fenômeno foi o que o levou a perder a distinção entre criatividade literária e percepção sutil da realidade. Novas leituras e reflexões também refinam a questão do status ontológico da informação. Mas isso terá que ser objeto de artigos futuros.

NOVEMBRO DE 2009: Parte considerável de um trabalho de fôlego que vem sendo desenvolvido nesse sentido se encontra disponível desde outubro de 2008, com o título *Fragmentos do trabalho em preparação 'Energia, Informação, Intencionalidade e Consciência: para uma onto(cosmo-psico)logia contemporânea'*, em <<http://www.tropis.org/biblioteca/onto-fragmentos.doc>>.

¹⁴ Para a redutibilidade da realidade a energia e informação, ver SCHRÖDINGER. Para a relação disso com o pensamento platônico, ver HEISENBERG. Para nossa surpresa, ainda não encontramos em nenhum autor a relação, que nos parece gritante, entre a dualidade energia-informação e a dualidade cartesiana *res extensa / res cogitans*. Ao contrário, é comum que autores que alegam basear-se na física quântica apontem essa distinção, e seu pai Descartes, como os grandes vilões da nossa civilização. Como exemplo vem muito a propósito CAPRA e, desta vez do campo das neurociências, DAMÁSIO. Consideramos da mais alta importância as contribuições que os dois vêm fazendo ao saber e à reflexão – porém suspeitamos que nenhum dos dois tenha meditado sobre a distinção de Descartes com suficiente profundidade.

¹⁵ STEINER, R. *A Filosofia Mística nos séculos XIII a XVII e sua relação com a concepção-de-mundo moderna* (GA 7). Tradução de Ralf Rickli. São Paulo: Editora Antroposófica, no prelo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem A. *Histórias de bichos e das gentes que os habitam*. São Paulo: Loyola, 1990.
- *Protestantismo e repressão*. São Paulo: Ática, 1979.
- ALVES, Rubem A. et.al. *Liberdade e Fé*. Rio de Janeiro: Tempo e Presença, 1972.
- ARISTÓFANES. *Lisístrata / As nuvens*. São Paulo: Abril, 1977.
- AUGER, Pierre. *Os métodos e limites do conhecimento científico*. Em BORN et al. *Problemas da Física Moderna*. 2.^a edição. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- BATESON, Gregory. *Natureza e espírito*. Lisboa: Dom Quixote, 1987.
- CAPRA, Fritjof. *The hidden connections*. Nova Iorque: Doubleday, 2002.
- CARDOSO, Roberto. *Medicina e meditação*. São Paulo: MG Editores, 2005.
- CASTAÑEDA, Carlos. *Viagem a Ixtlan*. 10.^a edição. Rio de Janeiro: Record, s/d.
- CHARDIN, Pierre Teilhard de. *O fenômeno humano*. Porto: Tavares Martins, 1970.
- CHAUÍ, Marilena. *Introdução à história a filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CORBISIER, Roland. *Enciclopédia filosófica*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- DAMÁSIO, António. *O erro de Descartes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ELIADE, Mircea. *História das crenças e das idéias religiosas*. Tomo I, volume II. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- FICHTE, Hubert. *Etnopoesia. Antropologia poética das religiões afro-americanas*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- GASSMAN, Lothar. *Rudolf Steiner und die Anthroposophie: eine kritische Biographie*. Holzgerlingen: Hänssler, 2002.
- GOETHE, J.W. von. *A metamorfose das plantas*. 4.^a edição. São Paulo: Antroposófica, 2005.
- *Schriften über die Natur*. Stuttgart: Alfred Kröner, 1949.
- HEISENBERG, Werner. *A descoberta de Planck e os problemas filosóficos da física atômica*. Em BORN et al. *Problemas da Física Moderna*. 2.^a edição. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- HOYLE, Fred. *O Universo Inteligente*. Lisboa: Presença, 1986.
- HUXLEY, Aldous. *As portas da percepção. Céu e inferno*. 12.^a edição. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- JUNG, Carl Gustav. *Memórias, sonhos, reflexões*. 7.^a edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- KAPLAN, Allan. *Artistas do invisível*. São Paulo: Instituto Fonte / Peirópolis, 2005.
- LEARY, Timothy. *The politics of ecstasy*. St.Albans (Inglaterra): Paladin, 1970.
- LEMINSKI, Paulo. *Distraídos venceremos*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- MATURANA, Humberto R. e VARELA, Francisco J. *A árvore do conhecimento*. São Paulo: Palas Athena, 2001.
- MCLUHAN, T.C. *Touch the earth: a self-portrait of Indian existence*. Londres: Abacus, 1980.
- MORENTE, Manuel García. *Fundamentos de filosofia*. 8.^a edição. São Paulo: Mestre Jou, 1980.
- PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Em *SÓCRATES. Série Os Pensadores*. São Paulo: Abril, 1971.
- *A República*. Livro VII. Brasília: Editora UnB.
- RICKLI, Ralf. *O dia em que Túlio descobriu a África*. São Paulo: Trópis, 1997.
- *O Rito do Espelho, em Duas histórias de corujas para adultos de qualquer idade*. São Paulo: Trópis, 1998.
- SCHRÖDINGER, Erwin. *A nossa imagem da matéria*. Em BORN et al. *Problemas da Física Moderna*. 2.^a edição. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- SCHURÉ, Edouard. *Os grande iniciados*. São Paulo: IBRASA, 1985.
- STEINER, Rudolf. *A filosofia da liberdade*. 3.^a edição. São Paulo: Antroposófica, 2000.
- *O método cognitivo de Goethe*. 2.^a edição. São Paulo: Antroposófica, 1985.
- *Verdade e Ciência. Tese de doutorado apresentada em 1891 à Universidade de Rostock*. São Paulo: Antroposófica, 1985.
- WATSON, Lyall. *Onde vivem as lendas*. São Paulo: Difel, 1979.